

HUM@NÆ

Questões controversas do mundo contemporâneo

v. 13, n. 1

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE AUTOMUTILAÇÃO PARA ADOLESCENTES DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DE RECIFE

ROSEMBERG CAVALCANTI BELÉM¹

EVERSON SERCUNDES DE LIRA²

HEIDY DOUBERIN NILO DA SILVA³

KAROLLAYNNE ALVES PESSOA⁴

LUIZ FELIPE FIGUEIREDO ARAÚJO⁵

SOLANGE EVERALDA DE MORAES SOARES⁶

Resumo

A automutilação enquanto objeto vem sofrendo ressignificações durante a sua trajetória histórica, aliada a significância que sua prática ocupa no cenário social e o recente crescimento do número de casos de violência autoprovocada no âmbito escolar. Assim, é de fundamental importância entender como questões relacionadas a esse tema se constroem nos indivíduos. Nesse sentido, foi adotado como objetivo da pesquisa compreender qual o conceito de automutilação naquele ambiente para adolescentes. Busca-se, ainda, localizar no repertório de respostas o conteúdo dos discursos, identificar e refletir as principais similaridades e investigar em que os discursos produzidos pelos sujeitos estão alicerçados. Como instrumento de coleta

¹ Psicólogo; Mestre em Psicologia (UFPE); Professor na Faculdade de Ciências Humanas ESUDA. bergbelem@hotmail.com

² Estudante de Iniciação Científica; Graduando de Psicologia (Faculdade de Ciências Humanas ESUDA). eversonsercundesl@gmail.com.

³ Estudante de Iniciação Científica; Graduanda de Psicologia (Faculdade de Ciências Humanas ESUDA). heidy77@hotmail.com.

⁴ Estudante de Iniciação Científica; Graduanda de Psicologia (Faculdade de Ciências Humanas ESUDA). pessoakarollayne@gmail.com.

⁵ Estudante de Iniciação Científica; Graduando de Psicologia (Faculdade de Ciências Humanas ESUDA). luizfelipefa987@gmail.com.

⁶ Estudante de Iniciação Científica; Graduanda de Psicologia (Faculdade de Ciências Humanas ESUDA). solangeeveralda@hotmail.com.

de dados foi utilizado um questionário composto de doze perguntas, sendo utilizadas para esta pesquisa apenas seis delas, a primeira, discursiva, e outras cinco de múltipla escolha. O aporte teórico utilizado para realizar a análise das respostas foi a Teoria das Representações Sociais. Os sujeitos dessa pesquisa foram alunos de turmas de primeiro e segundo anos do Ensino Médio de duas escolas públicas da rede estadual da cidade de Recife. Acrescenta-se que a nossa pesquisa pode produzir subsídios para emitir um alerta àqueles que lidam direta ou indiretamente com o ambiente escolar, como também apresenta importância por tentar entender como os sujeitos investigados compreendem o tema.

Palavras-chave: *Adolescentes; Automutilação; Discursos.*

Abstract

Self-mutilation as an object has undergone resignifications during its historical trajectory, allied to the significance that its practice occupies in the social scenario and the recent growth in the number of cases of self-inflicted violence in the school context. Thus, is the fundamental importance to understand how issues related to this theme are constructed in individuals. In this sense, it was adopted as objective of the research to understand the concept of self-mutilation in that environment for adolescents. It also seeks to locate in the repertoire of answers the content of the discourses, identify and reflect the main similarities and investigate in which the discourses produced by the subjects are grounded. As a data collection instrument, a questionnaire composed of twelve questions was used, with only six of them being used for this research, the first one, discursive, and another five of multiple choice. The theoretical contribution used to perform the analysis of the answers was the theory of social representations. The subjects of this study were students of first and second years of high school classes from two public schools in the city of Recife. It is added that our research can produce subsidies to issue an alert to those who deal directly or indirectly with the school environment, as it is also important to try to understand how the investigated subjects understand the theme.

Keywords: *Adolescents; Self-mutilation; Discourses.*

Introdução

A automutilação não é uma prática recente, ela ocorre há milhares de anos, porém, anteriormente na história, assumia o papel simbólico de marcar passagens, seja em ritos de nascimento, morte ou ainda da infância para a adolescência (ARAÚJO *et al*, 2016). Assim é que observamos a automutilação enquanto objeto que passa constantemente por ressignificações, cuja ótica serviu como primeiro guia para esta pesquisa e, portanto, nos certificando que os discursos produzidos pelos adolescentes não necessariamente seriam consonantes com o que existe em produções acadêmicas sobre o tema.

O termo automutilação é apontado pelos Descritores da Ciência da Saúde (Biblioteca Virtual em Saúde, 2015) como “Ato de lesar o próprio corpo, até o ponto de cortar ou destruir permanentemente um membro ou outra parte essencial do corpo”. A definição da BVS sinaliza a possibilidade de irreversibilidade do que consiste se automutilar, há ainda leituras que possibilitam enxergar esse tipo de prática como um sintoma, é o que consta no DSM V (2014). Segundo o CID-10 (2008) a automutilação aparece enquanto “transtorno” e reúne um conjunto de sintomas, definido pelo manual da seguinte maneira:

Transtorno caracterizado por movimentos intencionais, repetitivos, estereotipados, desprovidos de finalidade (e frequentemente ritmados), não ligado a um transtorno psiquiátrico ou neurológico identificado. Os comportamentos estereotipados automutiladores compreendem: bater a cabeça, esbofetear a face, colocar o dedo nos olhos, morder as mãos, os lábios ou outras partes do corpo. Os movimentos estereotipados ocorrem muito habitualmente em crianças com retardo mental (neste caso, os dois diagnósticos devem ser registrados) (Organização Mundial da Saúde, 2008).

O que nos leva a pensar sobre a dificuldade de classificar e definir tal fenômeno, afinal há uma contradição notória ao dizer que os movimentos intencionais estereotipados não ligados a um transtorno psiquiátrico configuram um transtorno.

Diante disso é que a ideia de uma pesquisa sobre a base da Teoria das Representações Sociais de Moscovici (2003) se consolidou e nos fez almejar saber sobre esse acontecimento, pois o autor afirma que o real existe, tendo ou não sido significado e que quando esse real se torna objeto de conhecimento de alguém ele muda e é também por ele modificado. E saber sobre os sujeitos que se automutilam, como esses sujeitos entendem e falam acerca dessa ação é importante, visto que essa lógica de pensamento soma-se a ideia de objeto em constante ressignificação para moldar a nossa linha de pesquisa. Ou seja, encontrar o significado para o que já existe e possivelmente não foi feito ainda, passando pela apropriação do conhecimento e dessa mútua mudança descrita por Moscovici.

Para tanto, definiu-se como objetivo compreender os discursos de alunos de escolas públicas estaduais em Recife sobre a automutilação. E assim se fez necessário pesquisar no repertório discursivo dos participantes justificativas para automutilação; para identificar e refletir as similaridades e divergências entre as

respostas dos participantes; ainda foi possível investigar em quais repertórios os discursos produzidos pelos sujeitos estão alicerçados; e ter uma compreensão de quais as implicações relatadas pelos participantes no cotidiano das pessoas que se automutilam.

Realizamos uma pesquisa de campo e para alcançarmos os objetivos almejados optamos por utilizar, enquanto instrumento para coleta de dados, um questionário com doze perguntas, sendo a primeira questão discursiva e a última também possibilitando ao aluno expor argumentativamente sua resposta, sendo ela positiva ou negativa, as outras dez perguntas eram do tipo múltipla escolha. A aplicação desse questionário foi realizada de forma coletiva, contudo os jovens o responderam individualmente. Foram escolhidas oito turmas de estudantes do ensino médio para participarem oriundos de primeiros e segundos anos de duas escolas da rede pública estadual do município de Recife.

Por fim, foram contabilizados duzentos e quatorze adolescentes respondentes, sendo cento e trinta e cinco da primeira série do nível médio de ensino e setenta e nove são do segunda série do referido nível. Pela extensão, complexidade e significância dos dados, nosso produto se constrói sobre metade das questões, da primeira à sexta pergunta. Uma dissertativa e cinco com várias opções prévias de escolha, existindo ainda a possibilidade de optar pela alternativa “outros” e argumentar ou ampliar o repertório de posicionamentos sobre o que foi indagado.

Representações Sociais: entendendo o cenário.

Ao tratar de representações sociais e do processo de construções destas, torna-se necessária uma breve observação da origem do conceito de “representação social”. Sêga (2000) afirma que Serge Moscovici resgatou por volta de 1961 o conceito que fora elaborado por Émile Durkheim em sua sociologia, assim a definição ressurgiu com a intenção de dar significado a fenômenos multifacetados e que ao serem analisados e verificados de maneira complexa individualizada e coletiva ou sociais e psicológicas, o que atualmente traz o termo do campo da sociologia para o da psicologia social.

Assim, observamos que o entendimento sobre a automutilação se dá em um contexto marcado pela presença das representações que podem ser tanto individuais, pela percepção de cada sujeito que elabora acerca de um determinado conteúdo, quanto coletivas, que, apresentando um caráter mais impessoal, consideram o substrato construído por um determinado grupo social. Durkheim assim as coloca ao relacionar essas duas formas de representações:

Sem dúvida, nada se pode produzir de coletivo se as consciências particulares não existirem; mas esta condição necessária não é suficiente. É preciso ainda que as consciências estejam associadas, combinadas de determinada maneira; é desta combinação que resulta a vida social, e, por conseguinte, é esta combinação que a explica (1963, p.96)

É importante, conforme Marconi e Lakatos (2010), realizarmos uma abordagem relativa à construção do conhecimento em suas quatro formas de representações: o conhecimento popular, científico, religioso e filosófico. O conhecimento popular, o qual detém o foco de análise nos questionários; o conhecimento científico, buscando fatos que comprovem o objeto investigado; o conhecimento filosófico, que se baseia no campo da experiência e não da experimentação sendo, portanto, um conhecimento não verificável; e o conhecimento religioso, voltado para as proposições sacras e por isso considerado um conhecimento sistemático do mundo.

Contudo detém-se o foco no conhecimento popular, também chamado de conhecimento vulgar, o qual norteou as representações sociais percebidas nas respostas dos questionários realizados. Além disso, faz-se necessário abordar sobre a construção de estereótipos, tornar claro o desenvolvimento deles no campo do conhecimento popular e por fim, definir o que de fato constitui as representações sociais.

Ainda conforme Marconi e Lakatos (2010) “o senso comum, ou “bom-senso”, não pode conseguir mais do que uma objetividade limitada, assim como é limitada sua racionalidade, pois está estreitamente vinculado à percepção e à ação”. Nessa direção, o conhecimento obtido com base no senso comum, no que os indivíduos conseguem perceber no dia a dia e tirar suas conclusões acerca de temas e situações distintas constitui o corpo das respostas dos questionários aplicados, como também serviu de análise para o alcance dos objetivos propostos nesta investigação.

Não se busca, aqui, uma análise racional e ou comprobatória das possíveis representações sociais, estereótipos e/ou julgamentos atribuídos a alunos pertencentes às primeiras e segundas séries do Ensino Médio de escolas públicas.

Se o 'bom-senso', apesar de sua aspiração à racionalidade e objetividade só consegue atingir essa condição de forma muito limitada, pode-se dizer que o conhecimento vulgar ou popular, *latu sensu*, é o modo comum, corrente e espontâneo de conhecer, que se adquire no trato direto com as coisas e os seres humanos: é o saber que preenche nossa vida diária e que se possui sem o haver procurado ou estudado, sem a aplicação de um método e sem se haver refletido sobre algo. (Babini, 1957:21 *apud* Marconi e Lakatos, 2010:59).

Além disso, para Ander.Egg (1978:13-14) *apud* Marconi e Lakatos (2010:59) o conhecimento vulgar tem por características predominantes ser superficial em seus julgamentos, pois sua comprovação se dá no campo das aparências, do que se vê, se sente ou se diz; ser sensitivo, estando relacionados as vivências do sujeito; ser subjetivo, por pertencer à subjetividade de cada indivíduo; ser assistemático, pois não se busca a sistematização das ideias; e ser acrítico, pois independe de uma forma crítica para se constituir em verdadeiro ou falso.

É nesse contexto, no campo do conhecimento popular, que foram investigados quais as principais representações sociais e estereótipos são atribuídos por adolescentes pertencentes ao Ensino Médio de escolas públicas sobre o tema automutilação. Entretanto, cabe, ainda, definir o que vem a ser um estereótipo criado com base no conhecimento popular.

Assim, conforme Guerra (2018):

Estereótipos são pressupostos ou rótulos sociais criados sobre características de grupos para moldar padrões sociais. Um estereótipo se refere a certo conjunto de características que são vinculadas a todos os membros de um determinado grupo social. É, portanto, uma generalização e uma simplificação que relaciona atributos gerais a características coletivas. [...] os estereótipos funcionam também como modelos que pressupõem padrões sociais esperados para um indivíduo vinculado à determinada coletividade.

Somamos a isto as abordagens sobre as teorias das Representações Sociais de Serge Moscovici (1978, P. 45) quando ele afirma que “tudo na vida social, inclusive a própria ciência, assenta na opinião”. Ou seja, independentemente do tema ou situação a ser tratada cabe o uso do senso-comum, do conhecimento popular e, portanto, sujeito a criação de estereótipos.

Conforme Moscovici (1976) *apud* Fátima Santos (1994), as representações sociais são definidas como “teorias”, “ciências coletivas”, *sui generis*, destinadas à interpretação e construção do real (p. 48). (...) Elas determinam o campo de comunicações possíveis, valores ou idéias apresentadas nas visões compartilhadas pelos grupos e regulam, por conseqüência, as condutas desejáveis ou admitidas (p. 49).

Assim, a construção do conhecimento, bem como o senso comum, como processos e idéias pertencentes a uma coletividade, irão contribuir para o conjunto de elementos que constituem as representações sociais e estas, por sua vez, irão moldar o comportamento dos sujeitos que compõem determinada sociedade, encaixando-os dentro de valores preestabelecidos e aceitos como padrões a serem seguidos.

De acordo com Fátima Santos,

sendo a representação social compreendida enquanto conteúdo e processo, seu estado remete necessariamente aos processos perspectivados e imaginários dos sujeitos, às forças sociais e conteúdos culturais subjacentes às relações numa sociedade determinada, bem como à sua função mediadora entre indivíduos e sociedade (1994, p.135).

Nesse sentido, as representações sociais são fruto das relações estabelecidas entre indivíduos de uma sociedade e que partilham das mesmas convicções a partir da cultura a qual estão inseridos.

Às representações sociais, conforme Moscovici (1976) *apud* Fátima Santos (1994) são propostas três dimensões que constituem o seu conteúdo e o contexto social ao qual o sujeito está inserido. São elas: a atitude, a informação e o campo de representação. A primeira diz respeito a um pré-conceito sobre o objeto de representação, estabelecido mediante a história e experiência do sujeito com o objeto. A segunda refere-se ao que se conhece do objeto em quantidade e qualidade e a terceira, de acordo com Silva (1978) p.22, *apud* Fátima Santos (1994), “seria uma unidade hierarquizada dos elementos que denota a organização desse conteúdo [...] e o caráter vasto desse conteúdo, suas propriedades qualitativas e imageantes”.

Ainda conforme Moscovici (1976) *apud* Fátima Santos (1994) no desenvolvimento das representações sociais existem dois processos fundamentais, a objetivação e a ancoragem. Por objetivação entende-se o processo de formação de idéias em contextos sociais específicos, configurados dentro e conforme culturas também específicas, e encaradas como idéias concretas e aceitas dentro do contexto social em que surgiu.

À objetivação cabe ainda o processo de naturalização do objeto, ou seja, a “transformação do conceito em categorias de linguagem e entendimento” e o processo de categorização “a partir da qual a representação social torna-se um instrumento de ordenamento e classificação do real”. (SANTOS, 1994, p. 136).

Quanto à ancoragem pode-se afirmar que fundamenta-se na compreensão do objeto dentro de valores hierarquicamente estabelecidos na sociedade, possuindo aqueles significados oriundos desta. E assim, Fátima Santos (1994, p. 136), “pela naturalização e ancoragem, a representação social adquire seu caráter figurativo e significativo”.

Neste contexto é válido e importante ressaltar a importância e as funções das representações sociais como mecanismos que facilitam a comunicação e identidade de um grupo dentro da sociedade e acabam sendo constitutivas da realidade social, uma vez que os sujeitos se relacionam a partir dos fatos sociais dos quais estão apropriados pela consciência, segundo Fátima Santos (1994).

Ponderando a respeito das representações sociais, Falcão e Dias defendem que sua construção grupal “tanto nos orientam em direção ao que é visível, com aquilo a que nós temos que responder; ou que relacionam a aparência à realidade” (2006, p. 110), de tal modo que a representação atua diretamente nas posições assumidas pelo grupo que a produziu.

Diante desses pressupostos se justifica a necessidade de estabelecer uma compreensão acerca das representações sociais dos adolescentes sobre a automutilação de tal modo que “[...] acredita-se que o estudo das representações sociais [...] poderá contribuir para subsidiar e orientar as práticas cotidianas dos profissionais” (FALCÃO E DIAS, 2006, p. 134) a respeito dessa temática.

Desta forma, com base em observações da rotina, em impressões e sentimentos individuais, bem como no que se ouve de outras pessoas os alunos criaram discursos representativos sobre o que é automutilação, e, portanto, desenvolveram representações e estereótipos com bases no conhecimento popular, no senso-comum.

Resultados Obtidos

O questionário aplicado durante as coletas tem, conforme dito, um total de doze perguntas, reforçamos que aqui estamos analisando e discutindo os seis primeiros questionamentos. Sendo uma questão aberta, argumentativa, e cinco do tipo múltipla escolha. Ao compilarmos os dados chegamos a um quantitativo significativo de duzentos e quatorze participantes respondentes. Salientamos que tal análise foi feita sobre o aporte teórico da Teoria das Representações Sociais.

Acerca da primeira questão foi possível realizar uma rica averiguação dos conteúdos trazidos pelos jovens na tentativa de expor o que para eles significa automutilação. A indagação foi a seguinte: ***Na sua opinião o que é automutilação?*** Assim quando as declarações foram avaliadas e entendidas, verificaram-se os temas com os quais as respostas versavam e mediante essa verificação dezenove repostas não foram consideradas, pois elas indicavam apenas uma sugestão ou um conselho e não uma opinião sobre o que acreditavam ser automutilação.

Os temas identificados estão a seguir expostos através do **quadro 1**, que mostra em ordem decrescente o quantitativo de cada uma das dez temáticas, totalizando as cento e noventa e cinco respostas utilizadas para a construir a representação social de automutilação para adolescentes do ensino médio de escolas estaduais.

Quadro 1- Relação dos temas identificados a partir da questão 1.

TEMAS	QUANTIDADE
Cortar-se	65
Forma de amenizar/ Deixar de sentir algo (dor/sofrimento/raiva)	28
Relacionado à depressão, vazio, tristeza, pensamentos suicidas ou a problemas.	23
Machucar-se	22
Cortar-se por algum motivo	15
Forma de expressão/ Chamar atenção	13

Necessidade de Ajuda	9
Autopunição/ Castigo/ Culpa	9
Tolice/ Idiotice/ Bobagem/ Desnecessário/ Falta de noção	8
Patologia	3
Total	195

Fonte: elaboração própria dos autores.

Diante da identificação dos temas foi percebido que alguns deles se relacionavam e principalmente tinha um conteúdo significativamente forte para uni-los em categorias, sendo possível chegar às três categorias finais. Em ordem decrescente são elas: **1- Automutilação com motivos não ditos especificamente ou não mencionados; 2- Sofrimento psicológico como causa para a automutilação; 3- Automutilação como forma de sinalização.**

A primeira categoria possui um significativo número de cento e duas respostas, sendo composta por três temáticas: *cortar-se; machucar-se e cortar-se por algum motivo*. Conseguimos inferir que o fenômeno automutilação não é facilmente relacionado a um motivo específico, sendo até mencionado em quinze respostas a existência de uma causa, mas não claramente apontada quanto ao que leva a causar em si mesmo as lesões. O que representa relevantes 52,3% do total de respostas.

A segunda categoria que se consolidou tem sessenta falas que apontam para três temas, são eles: *forma de amenizar/ deixar de sentir algo (dor/sufrimento/raiva); relacionado à depressão, vazio, tristeza, pensamentos suicidas ou a problemas; autopunição/ castigo/ culpa*. Refletimos que o fenômeno automutilação para esses jovens é movido pelo sofrimento, sendo amplamente sinalizado nas respostas. Majoritariamente foi mencionado em vinte e oito delas as lesões enquanto forma de amenizar ou deixar de sentir algo, representando 30,8% do total de opiniões.

A categoria com menor número de respostas é constituída por vinte e dois posicionamentos que versam automutilar-se com uma *forma de expressão/ chamar atenção* e com a *necessidade de ajuda*. Essas respostas somam apenas 11,3%, mas destacam-se pela significância do que representam, são pessoas que estão pedindo por socorro.

Dentre os temas um chamou bastante atenção pela contrariedade do conteúdo das respostas quanto às demais. Afinal tal tema indica que a

automutilação é para essa parte do grupo uma tolice, algo como idiotice, bobagem, um ato desnecessário e ainda falta de noção do que pode causar. Oito adolescentes fizeram esse tipo de indicação, ou seja, 4,1% da totalidade.

Sendo uma possibilidade para essa resposta a falta de conhecimento sobre as causas apontadas por quem pratica a auto violência, sendo possível ainda uma perspectiva oriunda da mídia ou derivada da escuta de gerações anteriores ao falar sobre o tema. Destacamos que apenas três participantes citaram patologia como causa da automutilação e assim tendo representação de 1,5% do total.

Na segunda pergunta do questionário, ou seja, a primeira questão fechada que indagava sobre **o que mais caracteriza a automutilação**, a grande maioria dos participantes caracteriza a automutilação como qualquer comportamento intencional de agressão ao próprio corpo (104), seguido de outros dois grupos que o relacionam com uma forma de chamar atenção (35) e como tentativa de suicídio (35). A questão da agressividade ganha maior ênfase se unida a alternativa mais escolhida for associada a questão do comportamento involuntário e agressivo ao corpo, opção escolhida por 26 participantes.

Quase metade dos participantes afirmou que o que mais caracteriza a automutilação é o comportamento intencional de agressão ao corpo, que logo pode ser relacionada aos entrevistados que apresentaram essa atitude com uma tentativa de suicídio. Nesse contexto, pode se associar essas respostas tanto com a forma como a mídia apresenta a automutilação ou mesmo com o pensamento religioso/cristão que permeia a sociedade.

Sobre quem **pratica a automutilação**, a grande maioria dos entrevistados (182) considera que é praticada por adolescente, 31 alunos afirmaram que é praticada por qualquer idade e apenas 1 aluno destacou que é praticada por crianças. Nenhum participante considerou que é praticado por adultos e idosos. Nesse sentido, percebe-se que os participantes atribuem à sua própria faixa etária o período principal de incidência de automutilação.

Conforme se imaginava no início da pesquisa, a grande maioria dos entrevistados apontou os adolescentes como os que mais praticam a automutilação. Cabe ressaltar, que os participantes são da faixa etária apontada e que esses dados

corroboram com o fato de que a maior parte das pesquisas que tratam dessa temática se volta para esse público.

Quanto à **forma mais frequente da automutilação**, 209 alunos consideraram que seria por cortes, 2 por queimaduras, e 3 escolheram a opção “outros” justificando “Cortes na pele”, “Cortes, queimadura” e “Depende da pessoa”. Nenhum participante considerou como cutucar ferimentos, bater contra paredes ou objetos e mordidas. Dessa forma, a maior parcela dos participantes destaca a questão dos cortes como a forma que mais caracteriza a automutilação.

Quase a totalidade dos participantes apontou os cortes como a forma mais frequente de automutilação. Nesse contexto, pode se destacar a possível influência da mídia nessa questão, uma vez que a exposição midiática desse assunto destaca a questão dos cortes. Vale ressaltar, também, que isso confirma a ênfase das pesquisas que tratam dos cortes na automutilação.

Acerca de **quem se automutila e a quantidade de métodos utilizados**, mais de dois terços dos participantes afirmam que quem se automutila utiliza mais de um método e 69 consideraram que é utilizado apenas um método. Nessa questão, vale fazer um contraponto com os dados da questão anterior na qual a grande maioria afirmou que a forma mais frequente é o corte, no sentido de observar que, embora, os entrevistados apontem para o predomínio desse método, não lhe atribuem um caráter exclusivo.

Sobre o **estado emocional** de quem se automutila, a maioria dos alunos (139) destacaram a depressão, e outros 31 a raiva de si mesmo, seguidos de 16 que apontaram a sensação de culpa, de 8 que escolheram a raiva de outras pessoas, e 3 que destacaram a ansiedade, 1 sob efeito de drogas. 13 participantes marcaram a opção “outros”, dentre os quais 2 deles marcaram, mas não descreveram a explicação. Os demais foram sinalizados por apenas um aluno, a saber: “conjunto de estados emocionais”, “depende da pessoa”, “depressão, mas culpa e ansiedade já estão envolvidas quando se fala disso”, “Depressão, raiva de si, culpa, etc”, “frescura”, “são uma mistura de sentimentos”, “todas as ações em qualquer estado pode levar a automutilação”, “todo tipo de estado emocional”, “todos”, “todos menos efeito de drogas”, “todos os estados citados anteriormente.”

Entre os estados emocionais, a depressão foi o que apareceu com maior recorrência, seguido pela raiva de si mesmo e a sensação de culpa. Isto concorda com a literatura que apresenta a adolescência como um período de grandes mudanças e de turbulências para o sujeito que a está atravessando, de tal modo que a automutilação é apresentada pelos participantes como uma forma de liberar uma parte da tensão pela qual os que a praticam estão passando.

Considerações Finais

A teoria das representações sociais dentre outras abordagens feitas sobre a construção do conhecimento e dos estereótipos têm seus processos de formação visíveis nos resultados obtidos com os questionários aplicados a alunos de 1º e 2º anos do Ensino Médio de escolas públicas de Recife.

Ficou nítido que as representações sociais, para os adolescentes que responderam aos questionários, sobre o sujeito que se automutila, apontam para alguém que intencionalmente agride o próprio corpo por meio, principalmente, de cortes, seja por apresentar algum motivo para agir dessa forma ou por estar em sofrimento psicológico. Sendo ainda a automutilação uma forma de expressar a necessidade de ajuda e/ou característica de quem se apresenta em estado depressivo. É importante ressaltar que a intenção da pesquisa não se aplica a racionalização ou comprovação de fatos ou dados, mas sim em compreender quais os discursos que aqueles têm sobre o sujeito que se automutila.

Portanto, considerando os resultados das análises, pode-se afirmar que as representações sociais, como elementos de interpretação e desenvolvimento da realidade, no contexto social juvenil e escolar, permitiu visualizar o que se compreende sobre o fenômeno da automutilação, quais discursos permeiam entre determinados grupos de adolescentes, quais os valores e/ou idéias que eles apresentam sobre as pessoas que se automutilam e que acabam consolidando-se como verdades, as quais fundamentam a criação de determinados estereótipos.

Referências

ARAÚJO, Juliana Falcão Barbosa de et al. **O corpo na dor: automutilação, masoquismo e pulsão**. Estilos da clínica, v. 21, n. 2, p. 497-515, 2016.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, 2014.

BELÉM, Rosemberg Cavalcanti. **Representações sociais sobre indisciplina escolar no ensino médio**. 2008.

Biblioteca Virtual em Saúde. (2015). **DeCS–Descritores em Ciências da Saúde**. Recuperado de <http://decs.bvs.br>.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1963.

FALCÃO, Deusivânia Vieira da Silva; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito (Org.). **Maturidade e Velhice: Pesquisas e Intervenções Psicológicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. 1 v.

GUERRA, Luiz Antonio. **Estereótipo**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociologia/estereotipo/>. Acesso: 06/06/18

Organização Mundial de Saúde (2008) **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde– CID-10**.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. Edição – São Paulo: Atlas, 2010.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes. 2003.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza. **Representação social e a relação indivíduo-sociedade**. Temas psicol., Ribeirão Preto , v. 2, n. 3, p. 133-142, dez. 1994. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000300013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 dez. 2018.

SÊGA, Rafael Augustus. **O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici**. Anos 90, v. 8, n. 13, 2000.